

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE

DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

PARTE ADMINISTRATIVA

I

O ESTADO ACTUAL DOS CONHECIMENTOS SOBRE OS INDIOS DO BRASIL, ESPECIALMENTE SOBRE OS INDIOS DA FOZ DO AMAZONAS NO PASSADO E NO PRESENTE.

Conferencia publica realisada no Museu Paraense em 7 de Dezembro de 1896 pelo Dr. Emilio A. Goeldi

Enormes, desesperadoras, quasi insuperaveis mesmo, são as difficuldades que encontra todo aquelle que procura obter uma idéa clara e noção exacta do aspecto ethnographico que o Brasil apresentava na hora em que, pela primeira vez, a não do descobridor aportou, no momento em que principia sua historia, que é toda post-colombiana e abrange apenas os últimos quatro seculos — um palmo sómentè, por assim dizer, da longa escala da historia universal. Não faltou, na verdade, quem attribuisse a certos artefactos indigenas, achados em solo brasileiro, uma antiguidade remota e imaginasse uma filiação que se perde na escuridão da prehistoria do genero humano. Mais e mais, porém, taes temerarios ensaios e tentativas são reconhecidos como destituídos de razão e de verdade e não resistem á acção do ariete potente qual é o serio criticismo scientifico moderno.

A investigação ethnologica relativa ao homem americano no passado mais ou menos remoto é facilitada de certo modo em algumas partes da America do Norte (Mexico, Yucatan, America Central) e na America do Sul pelo menos

em diversas das visinhas Republicas transandinas. Lá o homem americano mostrou um certo apêgo á sua residencia, erigiu construcções, edificios, ora mais ora menos imponentes, desenvolveu habilidade architectonica e, se não escreveu historia propriamente, sempre escreveu historicamente, em pedra dura, em complicados monumentos, de material resistente, quasi «aere perennius» e muitas vezes, munidos de bellos ornamentos pintados, esculpidos ou em relevo, documentos valiosos para nós, os epigonos, podermos adivinhar e reconstruir ainda com bastante segurança o seu gosto peculiar, as suas predilecções, o seu grau de cultura esthetica, emfim, uma parte consideravel da sua entidade psychologica e social. No Mexico, no Perú, os conquistadores de raça iberica já encontraram uma cultura antiga, secular e, em relação áquelles paizes, uma prehistoria adquire, portanto, direito de existencia.

Bem diversas, porém, são as coisas relativamente á maior parte do resto da America meridional, sobretudo o territorio cis-andino, cuja parte leonina é formada pelo Brasil actual. Em todo este immenso territorio não ha uma unica localidade, que claramente nos manifeste a existencia de uma cidade praecolumbiana, monumentos architectonicos e ruinas de maior vulto, cultura de uma éra indubitavelmente anterior á invasão dos navegadores luzitanos. As primeiras palavras d'esta minha dissertação contém uma amarga queixa da difficuldade que se antolha a todo aquelle que procura investigar o problema ethnographico dos indigenas no Brasil, nos tempos passados.

E' dupla a causa d'esta difficuldade. Em primeiro logar, os indigenas brasílicos da antiguidade parecem ter tido uma indole aparentemente diversa da dos povos-architectos, taes como os Aztecas mexicanos e os Incas peruanos: em vez de sedentarios, foram migratorios e nómadas, mudando frequentemente de residencia e não mostrando quasi nunca um verdadeiro amor filial ao torrão, expresso e manifestado em obras architectonicas de duração perpétua. Foram, ao que parece, sempre, o que é ainda o nosso Indio hodierno: nómada, caçador, pescador, quando muito lavrador em pequena escala, vivendo da mão para a bocca; sempre em pé de guerra, e dispensando algum amor artistico (se tal possue) unicamente ao arco, á flecha, aos ornatos de festa, aos remos e alguns utensilios menores de uso domestico, de pouco valor intrinseco e facilimo transporte. Nunca, porém, cuidaram, senão de modo assaz summario e superficial, da sua casa e moradia,

que por toda a parte conserva o mesmo character de ephemera, provisória ou, quando muito, temporaria.

Apresenta-se-nos naturalmente a pergunta, se o pendor para uma séria architectura faltou sempre ao Indio em territorio cis-andino ou se apenas ficou latente devido a circumstancias alheias e de força maior, como, por exemplo, a falta de material idoneo, a acção deleteria e corrosiva do clima, ou —last not least—o desassocego e as tribulações de um longo periodo de migrações forçadas e o contínuo aperto e acoçamento creado por visinhos bellicosos e turbulentos. Não é facil a resposta para semelhante pergunta. Mas, quem sabe do parentesco que manifestamente se depara em certas tendencias de ornamentação entre os artefactos dos antigos moradores de Yucatan, por exemplo, de um lado, e os dos antigos moradores da Ilha de Marajó e do littoral de Guyana, de outro lado, quem reflecte sobre a aperfeiçoada ceramica dos antigos oleiros marajoaras, quasi achará impossivel que estes mesmos oleiros não tivessem conhecido jámais o recurso do tijollo como succedaneo da pedra de construcção, e inclina-se antes a presumir causas semelhantes áquellas que produziram o phenomeno da memoravel migração dos povos no Velho Mundo durante os ultimos seculos do primeiro millenio da éra christã. E com mais um passo chegaríamos a supposição de que aquelles Indios, que por serem encontrados em certo e determinado logar no momento da descoberta do Brasil, somos tentados a chamar de autochtones, talvez não o sejam, e que elles mesmos eram relativamente novos no Brasil, estrangeiros vindos de fóra, gente que veio de mudança e ainda não pôde resolver-se a fazer obras que desafiassem o dente roedor dos seculos, por não sentirem a intima satisfação de achar-se de vez installados em sua casa, ao fim dos seus desejos, no Kanaan do seu destino definitivo.

Ha argumentos, tanto ethnologicos, como geologicos e paleontologicos, que permitem considerar a apparição do homem sul-americano em territorio cis-andino como pertencente a um periodo proporcionalmente recente, embora esta parte da Sul-America seja genesicamente mais vetusta do que a cordilheira dos Andes e a tira tropica e sub-tropica que verte para o oceano Pacifico.

Esta é a primeira difficuldade que nos turva a vista, qual nuvem espessa, no desejo de encararmos com a verdade ethnologica relativamente ao Brasil. A ella vem se juntar uma segunda —o pouco geito, a absoluta inexperien-

cia dos historiadores coevos da época conquistadora em reconhecer o fio de Ariadne, que aqui, no problema ethnologico, como em qualquer campo de sciencia exacta, leva ao reducto da ultima verdade. Mal guiados por impressões superficiaes e precipitadas, ganhas em viagens costeiras e rapidas excursões fluviaes por algumas das grandes arterias aquaticas, foram victimas de grosseiras prevenções, que têm atrazado a sciencia por seculos e que ainda hoje se fazem sentir. O erro capital, que data d'aquelle tempo, consiste no que modernamente se chama bastante adequadamente: a *Tupi-mania*.

O facto que os descobridores e seus companheiros acharam primeiramente ao longo da costa do Brasil, e depois para o centro da nova terra de Santa Cruz, estendendo-se até á margem direita do rio Rei, predominantemente tribus e familias indigenas, com costumes e dialectos identicos ou, pelo menos, bastante apparentados, tribus de cuja vida domestica e social, lingua e aspecto, nos deixaram aliás relações mais ou menos circumstanciadas e boas o Padre Anchieta e os seus discipulos, Jean de Léry, Hans von Staden, Thévet, Gabriel Soares, Gandavo, Marcgraf e Piso e muitas outras testemunhas coevas, uns mais, outros menos habilitados, — foi este facto, que tornou-se uma fonte inexgotavel de enganos e confusões, levando a crêr que, com o estudo dos Tupis e seus filiados, a ethnographia brasilica fôsse liquidada e exgotada e que tudo o mais era assumpto meramente accessorio e secundario. Os missionarios, sobretudo a companhia de Jesus, arvoraram o dialecto dos seus amigos paulistas em lingua official, em lingua do Estado, e levaram-n'a por toda parte, introduzindo-a até entre Indios de origem bem diversa e em regiões onde o Tupi era antes desconhecido.

O «Tupi-Guarany» ou a «Lingua-Geral» é a sua obra, não sómente em sua vastissima distribuição sobre a Sul-America cis-andina, (podemos affoutamente dizel-o, sem medo de contestação possivel) como em certo grau no seu proprio «genio», no seu character peculiar e intimo. Basta, por exemplo, lembrar o augmento de noções e palavras novas, que vieram introduzidas com o culto da egreja, com os objectos e usos de proveniencia européa e sempre será bom frizar, que foram os missionarios que fizeram do Tupi-Guarany uma lingua *escripta*, o que antes apenas fôra uma lingua *falada*. Seria infantil e improprio ao mesmo tempo querer negar o enorme cabedal de beneficios que proveio para a humanidade e para a civilisação da parte d'esta tactica da egreja, pois é mais

que duvidoso, se a catechese civilisadora tivesse sido desempenhada com eguaes resultados, com a mesma paciencia e no mesmo curto lapso de tempo por quaesquer outros meios. Facilitou incontestavelmente tambem a commodidade commercial, aproximando povos e regiões longinquoas.

Mas se esta tactica de nivelamento radical deve ser abençoada sob o ponto de vista da utilidade pratica, a sciencia ethnographica não pôde deixar de lastimar certas consequencias, que só hoje são visiveis em todo o seu alcance. A egreja nivelou de mais, apagou os caracteristicos traços ethnicos e peculiares de tantas tribus indigenas, extinctas já ou prestes a extinguir-se. Uma correnteza poderosa abraçou todos os elementos que encontrou no seu percurso e uniformizou todos e em toda a parte. Deploramos um irreparavel prejuizo scientifico, porém não vamos até o ponto de formular o desejo que o serviço catechetico havido não fôsse feito. Temos, todavia, o direito de formular outro desejo, que o missionario no futuro fôsse acompanhado de um auxiliar ethnographico, ou melhor ainda, que o proprio missionario accumulasse os dois cargos, e versado um pouco melhor do que geralmente até agora nos problemas principaes e mais palpitanes da ethnologia, contribuisse tambem para o progresso da sciencia, que ajudasse a salvar, pelo menos ainda uma parte dos thesoiros hoje já tão seriamente compromettidos.

Para se convencer o auditorio de que não vae exagero no que acabo de dizer, ácerca da *Tupi-mania*, basta cada um dos illustres ouvintes d'esta selecta assembléa consultar a sua lembrança sobre o que elle, na sua mocidade, ouviu e leu ácerca dos aborigenes brasílicos. Haverá aqui entre nós alguém que possa dizer que tivesse ganho, pela leitura ou pelo ensino particular ou official, noções e idéas adequadas ao real estado de coisas? Ha quem possa affirmar ter obtido pelos seus proprios meios intellectuaes alguma coisa mais do que uma idéa bastante vaga e confusa ácerca dos Indios do paiz, na hora da descoberta, e sua distribuição, suas migrações nos seculos subsequentes áquella data? Creio que não. Tenho percorrido não poucos historiadores, e a ultima impressão foi sempre a mesma: que não aprofundaram sufficientemente o indigena sul-americano e que todos elles são obcecados pelo preconceito da predominancia dos Tupis. Cito apenas o exemplo da Historia do Brasil de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), uma das melhores que possuímos, por onde se vê claramente que, para este aliás illustre auctor, existiam essen-

cialmente «Tupis» e «Tapuias», isto é «não-Tupis», sendo notavel a maneira summaria com que são tratados estes ultimos, quasi como se elles não formassem factor e elemento integrante entre os componentes do conjuncto ethnologico dos aborigenes brasílicos.

Sabem de quando data o primeiro ensaio real e methodicamente elaborado sobre o problema ethnographico do Brasil em tempos passados? Elle data do anno de 1867 e tem por autor o celebre botanico e explorador allemão dr. Carl Friedrich Philipp *von Martius*, escriptor, ao qual o Brasil deve gratidão indelevel, não só em relação a paciente investigação da sua flora, mas tambem a respeito do amor admiravel pela elucidação da individualidade do homem sul-americano.

Elle depositou os seus resultados e estudos em uma obra notavel, em dois volumes, aqui presentes, um intitulado «Para a ethnographia da America», o outro «Glossarium linguarum braziliensium», tendo este ultimo o motto interessante: «Linguae unitas et similitudo firmissimum est vinculum societatis humanæ et religionis», sentença emprestada de S. Agostinho (de Civ. Dei. cap. 7).

Podemos apoiar, palavra por palavra, o julgamento pronunciado, faz hoje 6 annos, por um joven compatriota de Martius, igualmente benemerito da ethnologia brasileira (Ehrenreich): «A dominação admiravel do material, tão esphacelado como difficilmente accessivel, a brilhante maneira de escrever, a profunda seriedade moral do nobre philanthropo, que nos fala em cada linha, sempre assegurarão um logar de honra a esta obra na litteratura sobre o Brasil. As idéas e vistas de Martius vigoraram até hoje; na sua obra viu-se uma solida base para erigir sobre ella uma ethnographia do paiz».

Ao passo que Alcide d'Orbigny, provector explorador francez, que atravessou a America do Sul no principio d'este seculo, ainda reuniu todos os aborigenes de Norte a Sul de Leste a Oeste debaixo da noção collectiva de «race brasili-guaranienne», Martius estabelece os seguintes troncos ethnologicos principaes:

- I) Tupis e Guarany — Os guerreiros.
- II) Os Gês ou Crans — Os cabeças.
- III) Os Guck ou Cóco — Os tios.

- IV) Os Crêns ou Guerengs — Os velhos.
- V) Os Parecís ou Poragís — Os gentios de cima.
- VI) Os Goyatacáz — Os corredores da matta.
- VII) Os Aruác ou Aroaquiz — A gente de farinha.
- VIII) Os Lengoas ou Guaycurús — Os montados a cavallo.
- IX) Indios em transição para a cultura e a lingua portugueza.

No mappa annexo á obra, Martius representa as suas idéas sobre a localisação e extensão d'estes troncos principaes e bem assim sobre as migrações presumiveis.

O systema de Martius significa um consideravel progresso, um admiravel exforço mental, tanto mais notavel, porque o auctor não dispunha de observaões proprias sobre os aborigenes do centro do continente sul-americano. Não deve-se extranhar que o auctor, com os seus materiaes heterogeneos, chegasse relativamente a diversos dos seus troncos ethnologicos, a conclusões ou de todo erradas ou não sufficientemente distinctas e delimitadas. Longe iriamos nós, se quizessemos discutir as suas idéas á luz do estado actual da sciencia; contentar-nos-hemos em salientar algumas parcellas da sua theoria, que essencialmente soffreram modificações recentes.

Em primeira linha, resente-se tambem ainda Martius d'aquillo que chamamos de «Tupi-mania», attribuindo áquelle tronco extensão e importancia evidentemente exageradas. Depois, admittiu um hypothetico parentesco proximo entre os Tupís e os Karaíbas, tanto que no seu mappa os «Nhengahyvas» na Ilha de Marajó, os povos moradores de ambas as margens do Amazonas, os Apiacás, entre Tapajoz e Xingú, são representados com a mesma côr (vermelha) commum. Tornou-se culpado de uma nova fonte de confusão com a creação do tronco dos «Guck» ou «Tios», onde elle reuniu, sem o necessario criticismo, muitos elementos heterogeneos, linguistica e ethnologicamente differentes (são nada menos de 25 tribus diversas), partindo da conclusão, de que todos os povos, que designavam com o termo «guck» ou «coco» (e derivações similhantes) o irmão do pae, isto é, o «tio paterno», faziam parte da mesma origem directa.

Incluiu, por exemplo, de Indios septentrionaes os Manãos, os Mójos, os Maipúres, que todos hoje são considerados como pertencentes ao tronco Nu-Aruák; e por outro lado os extinctos Pimenteiras (no Piauhy), os Makusi, (na Guyana

cialmente «Tupis» e «Tapuias», isto é «não-Tupis», sendo notavel a maneira summaria com que são tratados estes ultimos, quasi como se elles não formassem factor e elemento integrante entre os componentes do conjuncto ethnologico dos aborigenes brasilicos.

Sabem de quando data o primeiro ensaio real e methodicamente elaborado sobre o problema ethnographico do Brasil em tempos passados? Elle data do anno de 1867 e tem por autor o celebre botanico e explorador allemão dr. Carl Friedrich Philipp *von Martius*, escriptor, ao qual o Brasil deve gratidão indelevel, não só em relação a paciente investigação da sua flora, mas tambem a respeito do amor admiravel pela elucidação da individualidade do homem sul-americano.

Elle depositou os seus resultados e estudos em uma obra notavel, em dois volumes, aqui presentes, um intitulado «Para a ethnographia da America», o outro «Glossarium linguarum braziliensium», tendo este ultimo o motto interessante: «Linguae unitas et similitudo firmissimum est vinculum societatis humanae et religionis», sentença emprestada de S. Agostinho (de Civ. Dei. cap. 7).

Podemos apoiar, palavra por palavra, o julgamento pronunciado, faz hoje 6 annos, por um joven compatriota de Martius, egualmente benemerito da ethnologia brasileira (Ehrenreich): «A dominação admiravel do material, tão esphacelado como difficilmente accessivel, a brilhante maneira de escrever, a profunda seriedade moral do nobre philanthropo, que nos fala em cada linha, sempre assegurarão um lugar de honra a esta obra na litteratura sobre o Brasil. As idéas e vistas de Martius vigoraram até hoje; na sua obra viu-se uma solida base para erigir sobre ella uma ethnographia do paiz».

Ao passo que Alcide d'Orbigny, propecto explorador francez, que atravessou a America do Sul no principio d'este seculo, ainda reuniu todos os aborigenes de Norte a Sul de Leste a Oeste debaixo da noção collectiva de «race brasili-guaranienne», Martius estabelece os seguintes troncos ethnologicos principaes:

- I) Tupis e Guaranys — Os guerreiros.
- II) Os Gês ou Crans — Os cabeças.
- III) Os Guck ou Cóco — Os tios.

- IV) Os Crêns ou Guerengs — Os velhos.
- V) Os Parecís ou Poragis — Os gentios de cima.
- VI) Os Goyatacáz — Os corredores da matta.
- VII) Os Aruác ou Aroaquiz — A gente de farinha.
- VIII) Os Lengoas ou Guaycurús — Os montados a cavallo.
- IX) Indios em transição para a cultura e a lingua portugueza.

No mappa annexo á obra, Martius representa as suas idéas sobre a localisação e extensão d'estes troncos principaes e bem assim sobre as migrações presumiveis.

O systema de Martius significa um consideravel progresso, um admiravel exforço mental, tanto mais notavel, porque o auctor não dispunha de observações proprias sobre os aborigenes do centro do continente sul-americano. Não deve-se extranhar que o auctor, com os seus materiaes heterogeneos, chegasse relativamente a diversos dos seus troncos ethnologicos, a conclusões ou de todo erradas ou não sufficientemente distinctas e delimitadas. Longe iriamos nós, se quizessemos discutir as suas idéas á luz do estado actual da sciencia; contentar-nos-hemos em salientar algumas parcelas da sua theoria, que essencialmente soffreram modificações recentes.

Em primeira linha, resente-se tambem ainda Martius d'aquillo que chamamos de «Tupi-mania», attribuindo áquelle tronco extensão e importancia evidentemente exageradas. Depois, admittiu um hypothetico parentesco proximo entre os Tupís e os Karaíbas, tanto que no seu mappa os «Nhengahyvas» na Ilha de Marajó, os povos moradores de ambas as margens do Amazonas, os Apiacás, entre Tapajoz e Xingú, são representados com a mesma côr (vermelha) commum. Tornou-se culpado de uma nova fonte de confusão com a criação do tronco dos «Guck» ou «Tios», onde elle reuniu, sem o necessario criticismo, muitos elementos heterogeneos, linguistica e ethnologicamente differentes (são nada menos de 25 tribus diversas), partindo da conclusão, de que todos os povos, que designavam com o termo «guck» ou «cóco» (e derivações similhantes) o irmão do pae, isto é, o «tio paterno», faziam parte da mesma origem directa.

Incluiu, por exemplo, de Indios septentrionaes os Manãos, os Mójos, os Maipúres, que todos hoje são considerados como pertencentes ao tronco Nu-Aruák; e por outro lado os extinctos Pimenteiras (no Piahy), os Makusi, (na Guyana

brasileira) e os Paravilhana, (idem), todos Karaíbas. Finalmente Martius reuniu todas as familias e hordas rebeldes a uma classificação n'aquelle tempo, n'uma só cathogoria, intitulada «colluvies gentium», especie de repositorio para umas tantas coisas mal conhecidas e mal estudadas, que a sciencia tem conseguido diminuir, felizmente, bastante.

Seria injusto passar em silencio os esforços feitos pelos successores de Martius, relativamente á exploração ethnographica do Brasil. Desde 1867, trabalharam entre os proprios brasileiros, n'este sentido, Couto de Magalhães, Severiano da Fonseca, José Verissimo, I. Capistrano de Abreu, Barbosa Rodrigues, Ladislau Netto, João B. de Lacerda, Ferreira Penna e entre os estrangeiros Wallace, Bates, Hartt, Crevaux e alguns outros, a cada um, dos quaes cabe o seu merecimento n'um campo ora mais ora menos restricto. Lucrou o conhecimento d'esta ou d'aquella tribu, antes mal conhecida, lucrou a archeologia e o gosto para similhantes investigações ganhou um notavel impulso, vindo de fóra, mas ao mesmo tempo cultivado e fomentado por homens do paiz. Embora, em virtude d'estes pacientes pesquisadores, as vistas tenham-se modificado aqui e acolá em certos pormenores e certas questões collateraes, nem a pretenção mais audaciosa poderia pronunciar que a obra collectiva durante os dois decennios subsequentes, tenha tido a significação e importancia de uma modificação ou reforma essencial e radical do systema de Martius.

Esta reforma radical, todavia, existe hoje, — ella é, porém, toda moderna, realisada dentro do ultimo decennio, e deve-se confessar que a parte leonina do merecimento cabe aos provectoros ethnographos allemães *Karl von den Steinen* e *Paul Ehrenreich*, que fizeram do Indio brasilico seu estudo predilecto e executaram por diversas vezes já memoraveis explorações nas partes menos conhecidas do Braisl central, sendo duas dedicadas ao rio Xingú e outras aos rios Tocantins-Araguaya e Purús. São de alcance indubitavelmente enorme para a ethnologia do Brasil os resultados obtidos por esta brilhante turma de viajantes modernos e não hesito em declarar que, acompanhar estes resultados e o movimento scientifico por elles provocado, tornou-se um postulado moral para todo o brasileiro culto.

A nova phase, o novo rumo é sobretudo fructo do attencioso e profundo exame dos Indios, pela primeira vez visitados, moradores das cabeceiras e do curso superior do rio Xingú, verificando-se a razão de uma antiga supposição,

que por assim dizer, pendia no ar: isto é, que talvez n'aquelle centro desconhecido e mysterioso do Brasil jazessem escondidos importantes documentos para a solução do nosso problema ethnologico, talvez a propria chave. Manejando com mão adestrada de profissional acostumado a este mister a triplice ferramenta indispensavel, que é a linguistica, a anthropologia e a ethnica propriamente dita, conseguiram aquelles valentes scientistas não sómente augmentar consideravelmente o cabedal dos conhecimentos sobre umas tantas tribus, das quaes pouco mais se sabia do que o nome, como descobrir umas tantas tribus de todo novas; mas, o que a mim parece a vantagem principal dos seus gloriosos exitos é que, apezar de augmentado o cabedal de saber pelo duplo ou triplo, elles conseguiram ao mesmo tempo simplificar notavelmente o problema. A simplificação constitue sempre um optimo symptoma; ella constitue o caracteristico mais genuino de uma obra genial.

Graças a ella, esta celeste centelha, posso ousar esboçar em breves termos a quintessencia da nova e bella theoria, delinear o seu nucleo dentro do espaço relativamente limitadissimo de uma unica conferencia.

Segundo Karl von den Steinen e Ehrenreich por um lado e conforme os resultados do distincto philologo francez Lucien Adam (baseando-se nos materiaes linguisticos colligidos por Crévaux na Guyana) por outro lado.

1) devem-se separar inteiramente, por causas ethnologicas e linguisticas os Karaíbas dos Tupis.

2) genuinos Karaíbas conservaram-se no centro do Brasil, sendo a direcção da sua migração de Sul para Norte e para a Guyana.

3) a familia «Guck» de Martius é insustentavel por conter elementos de todo heterogeneos, sendo umas tribus claramente Karaíbas, ao passo que a maioria deve fazer parte de um novo tronco, que L. Adam intitula «grupo dos Maipure», ao passo que K. von den Steinen o designa adequadamente como «grupo Nu-Aruák» por causa do caracteristico prefixo pronominal «nu» de um lado, e por causa do idioma «aruák», primeiro conhecido do grupo, de outro.

Eis a synopse do novo systema:

- I) Tupí.
- II) Gês.
- III) Karaíbas.
- IV) Maipure (L. Adam); Nú-Aruák (v. d. Steinen).

- V) Karajá.
- VI) Páno.
- VII) Miránha.
- VIII) Guaycurú.
- IX) Restos do grupo Goytacáz (Puri).

O mappa, * que exponho e que tem por base um excellente trabalho do nosso amigo dr. P. Ehrenreich, dispensa-me de entrar em pormenores e dá uma perfeita idéa do estado actual dos nossos conhecimentos. Acha-se n'elle salientado com *côr branca* a distribuição, a extensão da familia *Tupí*; com *côr verde* as da familia de *Gês*; com *côr encarnada* as da familia dos *Karaíbas* e com *côr azul* as da estirpe dos *Nú-Aruák* ou *Maipúre* — os quatro troncos principaes, que podem-nos interessar sob o ponto de vista Amazonico.

Não queremos occultar que ainda uma vez depara-nos n'este systema elementos rebeldes, e que exigem, por ora, ainda posição isolada e independente de filiação, como os *Karajás* no *Xingú* e *Tapajoz* (*côr carmim*), os *Páno* (*Karipuna*) (*alto Amazonas* e *Ucayale*), os *Miranha* (entre o rio *Negro* e *Içá*), além dos *Guycurús* no *Paraguay* e os *Goytacáz* ou *Puris*, extinctos hoje, perto da costa, entre as cabeceiras dos rios *S. Francisco* e *Parahyba*.

Folgamos, por outro lado, em perceber que, pelo menos quanto á parte septentrional-oriental da *Sul America*, a discriminação ethnographica está-se tornando bastante mais clara e mais simples. Sabemos que, em relação ao actual Estado do *Pará*, temos principalmente de occupar-nos com os quatro troncos dos *Tupís*, dos *Gês*, dos *Karaíbas* e dos *Nú-Aruák*. No que diz respeito aos *TUPÍS*, é superfluo querer caracterisar as suas particularidades ethnicas e linguisticas: já declaramos que este tronco é o melhor conhecido, o unico tratado com algum cuidado pelos historiadores patrios. O grupo dos *GÊS* é linguisticamente caracterisado pelos prefixos *i*, *a*, *da* e pela frequencia relativa de algumas combina-

* NOTA.— Não nos foi possível reproduzir aqui o mappa em questão, nem tão pouco as outras illustrações e materiaes demonstrativos, que expozemos por occasião da conferencia. Quanto ao primeiro devo apontar ao leitor o trabalho original allemão (em «*Petermann's Geographische Mitteilungen*» 1891, Heft 3 e 4) e quanto ás segundas esperamos poder publical-as posteriormente em trabalhos especiaes actualmente em preparo.

18/vii 1898.

ções exquisitas de consoantes, como *Kr*, *kl* e já Martius reconheceu na terminação tantas vezes repetidas de —*gês*— um criterio bom e seguro.

Ethnologicamente, pode-se em geral dizer, que só os GÊS mostram os grandes e redondos discos (batoques) labiaes e das orelhas, que não conhecem o uso da rêde, que não são peritos em assumptos de navegação, usando apenas de balsas, e que possuem duas especies de flechas, das quaes a primeira com ponta de madeira, unilateralmente dentada. a segunda com lamina de taboca cylindricamente apontada. Ha não poucos argumentos, até anthropologicos, para a opinião que os Gês representam o grupo mais original, mais antigo talvez, dos aborigenes brasílicos e que, se algum dos nossos Indios merece a qualificação de «autochtone», a elle caberia melhor tal qualificação. E, se procurarmos descobrir um equivalente e synonymo ethnographico para o termo *Taupúia* da maioria dos historiadores patrios, será sem duvida o tronco dos Gês com os seus numerosos ramos, que melhor corresponderá, addicionando talvez o grupo dos Goyatacáz. importante outr'ora no littoral do Sul, mas extinto hoje. Seguem em terceira linha os KARAÍBAS, cujos idiomas mostram a terminação —*otó*— com tanta frequencia, que só por esta circumstancia já facilmente se reconhece a sua filiação ao grupo. Usam de rêde, feita com a fibra de algodão e tecem de modo diverso dos Nú-Aruáks.

Distinguiram-se por bravura, soberba e crueldade, eram em todos os tempos guerreiros, victimando e acoessando os visinhos com invasão á mão armada, assassinatos e depredações. ¹ Suppunha-se sempre, que a sua patria tivesse sido a

¹ Foi até hoje opinião de acceitação geral, que o termo «karaiba» provinha da lingua tupi, e que o radical era «karyb», isto é, «homem máo». Entretanto von den Steinen refere, que em lingua Bakairi (filiação karaíba), «karáiba» significa «o estrangeiro» ao passo que «kará-le» significa «o patricio», «quem faz parte da tribu». Pelos Bakairis do Xingú elle era recebido com a saudação estereotypica: «Ama karáiba», isto é, «eis-te aqui, karaiba (homem de fóra)» (von den Steinen II, pag. 54, pag. 158). E' assim que torna-se provavel ser a designação de «karaiba» uma palavra do seu proprio idioma. Comtudo não pode ser contestado, que o termo «Caraiba» já era usado tambem pelos Indios Tupís da costa do Norte perto de trez seculos atraz, para designar os estrangeiros de origem europeá. [«Caray» s. «caraïb» no «Tesoro» de Montoya no sentido de astuto, sabio, habil, entendido, sabido, intelligente. Na «Conquista Espiritual» no sentido de «branco, europeu, christão, homem baptizado,» — em contraposição a «abá» = «indio, incola, indígena». Entre os Paraguayos «caray» diz «senhor»; em tupi «carayba» quer dizer «bento, sancto, branco, europeu» — donde o termo amazonico ainda usado «caríua» homem civilisado, instruido. Notas extrahidas do Vocabulario, publicado pela Bibliotheca Nacional Vol. VII, 1878-1880, pag. 69].

America do Norte, opinião corrente sustentada por Petrus Martyr, o inglez Bristock e o francez de Rochefort e até pelo venerando Alexandre von Humboldt. Mas, recentemente ganha a doutrina opposta, que a patria dos Karaíbas deve ser procurada ao Sul do Amazonas, no coração do Brasil e que o dominio d'elles estendeu-se em direcção de Sul a Norte, encontrando em medonho abalroamento de extermínio os Nú-Aruáks na sua migração inversa.

Resta-nos estes NÚ-ARUÁKS como quarto tronco, vestusto na sua origem, novissimo porém na apreciação devida por parte da ethnographia americana. Linguisticamente — já o declaramos — caracteriza-os o prefixo pronominal «nú» da primeira pessoa; ethnologicamente é-lhes peculiar a rêde tecida de casca de pau e sobretudo o alto desenvolvimento, que entre elles attingiram a ceramica e a industria de farinha de mandioca.²

Foram estes Nú-Aruáks que, com bastante probabilidade, irradiaram das Antilhas para o Sul, occupando o litoral da Guyana até a foz do rio Amazonas, e que, nos Tupís

Por testemunhas coevas dignas de fé, sabemos que os Tupinambás no tempo da occupação do Maranhão pelos Francezes, designavam estes com o appellido de «Caraíbas», (ao passo que intitulavam de «Peros» os invasores de raça iberica). Veja as innumeradas provas nos interessantes livros de *Yves d'Evreux* (*Voyage dans le Nord du Brésil*) 1613-1614 [Edition F. Denis, Leipzig et Paris 1864, pag. 218, pag. 248, (Note pag. 439)] et de *Claude d'Abbeville* (*Historia da Missão dos Capuchinhos*) [Edição Cesar Marques, Maranhão 1874, pag. 360].

O nome «Caraíba», applicado á certa tribu de Indio sul-americano, pela bocca de outros Indios, seus coevos e visinhos, mas simultaneamente seus inimigos, por diversidade de raça e litigios de longa data, encontramol-o, por um acaso muito singular, quasi ao mesmo tempo no tão notavel como raro livro de Iean Mocquet («*Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales e Occidentales*» Paris 1617), que na qualidade de «Garde du Cabinet des Singularitez du Roy aux Tuilleries» visitou o litoral da Guyana em 1604, encontrando então os «Caripous» — «en la terre de Yapoco» e les «Caribes», «á la riviére de Cayenne».

² Já Martius reconheceu os merecimentos dos Aruaca como inventores ou aperfeiçoadores da industria da farinha, tanto que creou como synonymo o termo: *Gente de farinha*. Escreve Carl von den Steinen: «Se a industria da mandioca foi fundada por algum tronco, cujos descendentes ainda vivem e acham-se comprehendidos na classificação actual, toda probabilidade ha, que foram os Nú-Aruák. Com certeza tiveram este merecimento no rio Xingú, sendo impossivel o fabrico da farinha sem potes de barro e panellas de beijú. Os Aruáks são tambem nas regiões septentrionaes os melhores operarios de farinha e foram em todos os tempos simultaneamente os melhores oleiros, apezar de que actualmente na Guyana os Karaíbas se tornaram os fabricantes e fornecedores d'aquella zona; mas, bem entendido, *as mulheres!* Se os Karaíbas do Norte do Amazonas e nas Antilhas pequenas, subjugarão as tribus Aruák e mataram a metade da população, foi bom que esta metade fosse representada pelos homens; as mulheres com a sua lavoura, sua ceramica e sua technica de farinha foram conservadas (v. d. Steinen II, p. 217).

do littoral por um lado, e nos Karaíbas centro-brasilicos por outro, encontraram inimigos e adversarios, que lhes infligiram a imperiosa necessidade de mudar de rumo e direcção originaes da marcha intentada.

A simples contemplação do mappa ethnographico já nos leva a acceitar um rechassamento ou uma inflexão lateral d'este tronco para o Occidente, paralelo ao valle amazonico e uma ramificação bi-lateral adaptada ao curso dos grandes tributarios do curso medio e superior do Amazonas.

Eis-nos chegado ao limiar do que eu desejava considerar o thema principal d'esta conferencia. O Museu Paraense não podia permanecer indifferente perante os problemas, que agitam tão vivamente a attenção dos ethnologos e este estabelecimento, que no seu titulo e programma promette participar activamente no movimento relativo á elucidação do aborigene amazonico, principiou a orientar-se no papel que naturalmente lhe convém n'esta campanha scientifica e formar um plano methodico de trabalho. Partindo do facto empirico, que na visinhança da propria capital do Pará ha necroterios indios, contendo fartamente objectos de uma adeantada ceramica, parecia logico seguir o fio vermelho e estender radialmente identicas investigações e pesquisas archeologicas sobre outros pontos do Estado. Resolveu-se principiar com a exploração da foz do Amazonas e do littoral da Guyana. Não se tratava de juntar, sem critica, meramente objectos para encher armarios e salas; pelo contrario, nossa divisa era e é de colligir factos, documentos e argumentos positivos e seguros, que possam servir de pedra de toque para as diversas doutrinas ethnologicas em voga. O Museu, por sua propria iniciativa, seus proprios meios intellectuaes, aspirava a resolver pontos de interrogação, juntar material novo, original, deseja ganhar provas, que permittam uma opinião, um julgamento pessoal e independente pró ou contra e não quer um reboque passivo e inglorio.

Pondo em plano secundario a continuação das excavações, já um tanto estereotypadas em certas localidades da ilha do Marajó, estendeu seu campo de acção para as ilhas adjacentes e o littoral ao norte. E os resultados obtidos excedem as nossas esperanças e as collecções reunidas já dentro de curto espaço de tempo formam de certo não só um real ornamento do nosso Museu, como representam docu-

mentos mui valiosos, aptos a projectar viva luz sobre a questão dos Indios da fóz do Amazonas. Estas collecções constituem-se:

- 1) — de material ceramico de diversos necroterios de Marajó;
- 2) — de uma magnifica colheita de urnas e alguidares por nós excavados no rio Counany e no littoral da Guyana;
- 3) — de uma não menos notavel série de urnas, excavadas nos rios Maracá e Anauerá-pucú e na ilha do Pará (canal norte do Amazonas);
- 4) — de fragmentos ceramicos das visinhanças de Faro e do rio Oriximiná (Trombetas) margem septentrional,

sendo as collecções do Counany e do Maracá as mais bellas e completas que existem. São salteadas ainda as localidades citadas, porém fazem parte de uma rêde de linhas bem facil de adivinhar e diremos que temos o serviço archeologico methodicamente organizado, já iniciado em bom numero de outros pontos intermediarios. Vae-se formando d'est'arte um archivo escripto em barro, tanto mais precioso quanto constituirá o unico meio seguro, que nos sobrou, para reconstruirmos a verdade historica sobre as gerações que aqui viviam em tempos passados.

O estado actual d'este archivo já admite a possibilidade de uma conjectura, senão de uma leitura? Eu julgo que sim e não creio que d'ahi me possa ser atirada a accusação de um procedimento precipitado em terreno, reconheço-o, assáz subtil.

Exponho aqui cinco urnas funerarias, cada uma de proveniencia diversa, mas todas ellas da Amazonia e da Guyana. Considerando cada um isoladamente por si, o barro não será muito communicativo; mas um amoroso estudo comparativo torna-se logo attrahente e instructivo. A ultima impressão será, que no balanço de similhanças e differenças, haverá um saldo a favor das primeiras. As differenças não seriam muito menores n'um esboço ceramico sobre o mesmo thema simultaneamente feito por cinco irmãos e irmãs de uma mesma familia hodierna. O oleiro indigena de Maracá manifesta, na verdade, uma individualidade um tanto singular, mas, a meu ver, não de modo a ter de excluil-o da communhão do oleiro de Marajó, da ilha do Pará, do Counany e de Mirakanguéra.

O que nos diz uma previa leitura do fragmentario e principiante archivo ácerca da auctoria? O methodo analytico de investigação applicado no exame comparativo do material, da technica fabril, das formas, dos ornamentos quer pintados simplesmente, quer gravados ou em relêvo, e finalmente o arranjo e a disposição dos necroterios e da ceramica n'elles contida, este methodo deductivo aponta nitidamente para o resultado inductivo, que temos que fazer com o *tronco ethnologico dos NÚ-ARUÁKS*, quer seja com um unico ramo d'esta familia, quer seja--o que me parece mais provavel, sobretudo tendo em conta a tendencia individualisadora da ceramica de Maracá,--com diversos membros da mesma familia. Consegue-se assim, o que em linguagem das sciencias naturaes se chamaria uma determinação generica; quanto á especie, no caso vertente, á tribu, será prudente retardarmos um julgamento para uma época, em que o nosso serviço archeologico iniciado tenha enriquecido e completado ainda melhor as nossas collecções.

A opinião, que já posso chamar de convicção, que temos que fazer com o tronco dos Nú-Aruáks e não com o dos Tupis, nem tampouco com o dos Karaíbas ou Gês, baseia-se nos seguintes argumentos capitaes:

- I) O alto grau de perfeição alcançado por esta ceramica, que originou productos, os quaes para usar as palavras de P. Ehrenreich «fazem concorrência com os melhores artefactos peruanos e representam talvez a suprema producção artistica jámais atingida por indigenas da Sul-America cis-andina».
- II) O parentesco frisante que esta ceramica manifesta em comparação com productos de olaria ainda hoje fabricados pelas tribus do tronco Nú-Aruák, encontrados e estudados por von den Steinen no Xingú (Mehinakú, Waura, Kustenau, Yaulapiti) (Est. 23, 24 v. d. St. (II)).
- III) A importante circumstancia constatada por v. d. Steinen, que por toda a parte, onde no Brasil central tribus de outros troncos produzem ceramica artistica, os mestres e introductores d'esta industria foram sempre, sem excepção de regra, Nú-Aruáks visinhos, mormente mulheres roubadas.
- IV) Os estudos de Barbosa Rodrigues sobre a ceramica de Mirakanguéra, attribuida por elle, com feliz intuição, aos Aroaquis, membros da familia Nú-Aruák.
- V) Os costumes funereos, as tradições artisticas e a ha-

costa, as ilhas ahí sitas, e a costa oriental até o rio Camará como sua localisação, ao passo que os outros deviam habitar o resto da periphéria e o centro. Conta-nos mais, como receberam mal o governador do Maranhão, Pedro de Albuquerque, que em 1643 naufragou perto do Pará, como os franciscanos catechisaram os Aruáns, sendo intimados por D. João IV a entregar suas aldeas aos Jesuitas e finalmente reintroduzidos pelos indios Aruáns. Em Agosto de 1659, o Padre Antonio Vieira foi fazer um tratado de paz com os Neengaíbas, entrando no rio Mapuá.

F. Penna parece querer contrapor em certo sentido os Aruáns ao resto dos Neengaíbas marajoáras. Quanto a estes ultimos, porém, nem elle, nem qualquer outro deu, ao que eu saiba, uma resposta clara, do que deveriamos pensar d'elles sob o ponto de vista da filiação ethnologica. Os Aruáns, por outro lado, elle tomou por Karaíbas, e tudo que refere dos seus costumes bellicos, do seu character atrevido, valente, da sua propensão para o assalto e a depredação entre visinhos, mostra por parte d'elle uma forte tendencia de harmonisar confusos dados historicos com a fama tradicional dos Karaíbas.

Explica-se assim facilmente, porque em nenhum dos seus trabalhos acha-se um unico trecho dando a entender que elle attribuisse a auctoria da ceramica artificial em Marajó aos Aruáns ou aos Neengaíbas da historia colonial. Verdade é, que no tempo em que F. Penna escreveu, apenas tinham principiado as excavações no Arary e que a descoberta da existencia em Marajó data apenas (como sabemos pelo Prof. Ch. F. Hartt), do anno de 1870. F. Penna foi victima de um preconceito e morreu com elle. Se elle hoje fôsse ainda vivo e visse as nossas collecções e o estado actual da ethnologia sul-americana, revogaria o erro.

O preconceito de F. Penna tinha perceptivelmente ainda um effeito funesto sobre quasi todos os outros investigadores. Visto que elle não ousava a ligação da ceramica marajoára com os Aruáns e Neengaíbas coêvos da invasão portugueza, ninguem mais o ousou. E assim é que nem Hartt nem Ladislau Netto, apesar de volumosos trabalhos de um e de outro, se pronunciaram ácerca da idade d'aquella extincta industria e cultura, transpirando por muitos lados, especialmente no ultimo dos dois escriptores, uma enorme vontade de recuar a origem d'ella não poucos millenios para traz e de transferir senão a propria ceramica pelo menos o seu espirito tecnico para a escuridão da prehistoria humana,— lá para as bandas da China ou coisa que valha.

Houve, até hoje, entre os auctores brasileiros uma só voz que se levantou, declarando positivamente que os constructores dos aterros sepulchraes de Marajó não são prehistoricos, que foram os Neengaibas, um ramo collateral dos Aruakis. Foi Barbosa Rodrigues quem chegou a este resultado, pelo estudo comparativo da ceramica funeraria de Mirakanguera (Serpa), no valle amazonico. Entre os ethnographos do exterior é sobretudo P. Ehrenreich quem não se cansa de proclamar a origem Nú-Aruák da ceramica marajoára e foi elle quem soube tambem pela primeira vez assignalar o seu valor como documento linguistico-ethnologico ao glossario Aruán, levantado por F. Penna (1891).

Seja-mé permittido estabelecer uma synopse mais summaria sobre os typos predominantes entre as urnas funerarias (igaçabas), das trez localidades paraenses de onde conseguimos até hoje reunir maiores collecções:

- A) As urnas de MARAJÓ são ou esphericas ou formadas de dois cones sobrepostos no sentido opposto. São providas de tampa e não têm o fundo furado. São lisas, com ou sem pintura, ou artisticamente esculpidas ou com relêvo. Acham-se reunidas por series e camadas em aterros sepulchraes. Contêm sempre fragmentos de ossos e cinzas.
- B) As urnas do COUNANY são egualmente de fórmulas mui nobres, na maioria zonarias, ¹ não munidas de tampa,

¹ Tem estas urnas um aspecto bastante parecido com as que eu vejo figuradas na obra de Crévaux (pag. 144) como obra dos *Oyampis*, localizadas no Oyapock. Os *Oyampis* são linguisticamente filiados ao tronco Tupí, uma das tribus d'esta raça que mais penetraram no extremo norte do Sul-America. Caso que realmente os *Oyampis* fabricassem ou fabriquem ainda igaçabas zonarias mais ou menos identicas as que desenterramos no Counany, haveria aqui uma infracção da regra acima estabelecida, relativamente a primazia ceramica propria aos Nú-Aruáks? — Creio que não. E' provavel que os *Oyampis*, encontrando na sua migração para Guyana com tribus vencidas, absorvessem simultaneamente o segredo da manufactura ceramica particular áquelles — caso parallelo ao facto na realidade observado por v. d. Steinen no Xingú, relativamente aos Nahuquás (Karaibas) e os Mehinakús (Nú-Aruáks) (v. d. Steinen II pag. 158).

E da mesma fórmula se explica, como os Galibis, de (raça karáiba), situados nos limites entre as Guyanas franceza e hollandeza, dedicam-se á fabricação de artistica louça de barro (Crévaux pag. 13).

Diremos n'esta occasião, que Crévaux tambem duvidava de uma idade prehistorica dos desenhos gravados em rochedos e em urnas na Guyana, contestando as opiniões do geologista Brown, e accentuando a similhaça com o que se vê nos artefactos indios de data recente (pag. 144).

mas com fundo furado por buracos symmetricamente dispostos. São lisas na sua parte inferior e bojudas, mostram porém caras humanas no gargalo e são artisticamente pintadas. Acham-se reunidas em poços especiaes, cobertos por discos de pedra granitica de grandes dimensões. Contêm sempre fragmentos de ossos e cinzas.

C) As urnas de MARACÁ são tubulares, ora representando simplesmente um cylindro comprido coberto por tampa chata e discoide, ora representando (maioria) o mesmo cylindro transformado em tronco de Indio, sentado n'um banco (attitude solemne de audiencia) com pernas e braços em alto relêvo e uma tampa, em fôrma de grande tigela, correspondente á cabeça, mostrando a cara em relêvo. Sexo sempre indicado. São toscamente pintadas. Acham-se reunidas em gruttas naturaes. Não contêm fragmentos, mas esqueletos inteiros.

O cunho peculiar da urna funeraria de cada uma das ditas localidades será rapidamente reconhecido mediante os quadros muraes que fizemos e igualmente darão adequada idéa da respectiva ornamentação os dois outros quadros que aqui apresentamos. Não quero passar em silencio que cada um dos tres typos mostra certos pontos de contacto e parentesco com as igaçabas de Mirakanguéra, no Amazonas, poder-se-ia dizer que estas têm a fôrma das de Marajó, ás vezes physiognomias em relêvo das do Counany, e tampas das de Maracá.

Muito longe me levaria uma discussão cabal e aprofundada d'este bello e interessante material archeologico. Com pezar devo me abster de entrar sobre as urnas singulares em fôrma de monstruosos jabotís, ou onças (?) provenientes da ilha do Pará e outros pontos da margem septentrional do Amazonas e sobretudo sinto que não caiba dentro do limitado espaço de uma unica conferência um complemento, que julgo deveras necessario, indispensavel, para arredondar o nucleo central do nosso thema: um quadro ethnologico dos Nú-Aruáks ainda hoje existentes em territorio do Brasil e nos paizes circumvisinhos.

Peço venia a esta selecta reunião, de cuja paciencia talvez já abusei, para communicar um importante achado que fizemos em relação ás igaçabas de Maracá. Trata-se da descoberta de um indice e guia segura para determinar-lhes a idade. Uma das igaçabas de lá, pertencente a uma moça ou menina, mostra em seus braços uma triplice pulseira de ver-

dadeiras «missangas», isto é, perolas de vidro. Que são de verdadeiro vidro, averiguamos, pois dão a característica reacção de coloração azul, submettendo-as ao aquecimento com a junção de cobalto. São lapidadas, têm um furo central—são, em breves termos, artefactos de uma adiantada industria européa, como o Indio nunca as póde fazer,—e são provavelmente perolas venezianas. Ora, isto constitue uma indicação segura para determinarmos a idade da respectiva urna, *pelo menos como* POST-COLOMBIANA. Não póde datar de uma era anterior ao anno de 1500, e terá com bastante probabilidade uma idade maxima de 350 annos. As urnas tubulares e anthropomorphas de Maracá têm um quê de aspecto primitivo, collocando-as ao lado das igaçabas de Marajó, Cunany e de Mirankanguéra. Quem não tivesse outros criterios, senão os da forma e da perfeição technica, seria tentado a consideral-as mais antigas do que as outras. De maneira que o achado a que acabo de alludir possui a importancia e o effeito de um holophote n'esta questão, até bem poucos dias tão escura e intrincada, da idade de toda esta ceramica sepulchral dos extinctos Indios da maravilhosa foz do rio-Mar.

E julgo que não poderia ter achado um fecho mais feliz para estas considerações, do que apontar para o sympathico aspecto de uma virgem india, cujos manes se erguem e pegando benevolamente na mão da sciencia, que anda as apalpadelas nas trevas do passado, a conduz para um ponto elevado e dominante, e com o braço estendido, indica o clarão, que illumina, á esquerda, o abysmo sombrio do erro e á direita, a planicie verdejante e soalheira da verdade. E' a imagem da Beatriz radiosa no limiar das portas do inferno das duvidas ethnologicas!